

Recebido em: 13-06-2022

Aceito em: 11-09-2023

A colaboração entre docentes e bibliotecários: uma revisão de literatura

Thiago Magela Rodrigues Dias¹

Maria Inês Passos Pereira Bueno²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma revisão literária sobre a colaboração entre docentes e bibliotecários. Definiu-se como procedimento metodológico a realização de um estudo de revisão do tipo narrativa-descritiva que se fundamenta em pesquisas bibliográficas sobre a temática abordada. No presente trabalho enfatizam-se os estudos de Montiel-Overall (2005-2013), pois esta pesquisadora estabeleceu os parâmetros da Teoria da Colaboração entre docentes e bibliotecários (TLC). Identificou-se que as pesquisas sobre a temática são exíguas, mas que as que existem apontam modelos que podem ser tomados como referência pelas instituições de ensino para que a colaboração aconteça de maneira satisfatória. Conclui-se que a colaboração entre docentes e bibliotecários é uma relação de trabalho desejável e imprescindível para que o ensino e a aprendizagem sejam favorecidos plenamente e que ela vem demandando constantemente que se reflita e se promovam ações que a contemplem para que ela venha a se configurar como cultura no âmbito educacional. É urgente refletir, pesquisar, estudar, publicar, enfim promover práticas, para se consolidar a colaboração na educação.

Palavras-chave: teoria da colaboração; docentes; bibliotecários; cultura colaborativa.

1 INTRODUÇÃO

Colaborar, na atualidade, é imperativo para o êxito das organizações, estejam elas inseridas nos mais diferentes contextos e desenvolvendo atividades, as mais diversificadas. E no âmbito da Educação, com os profissionais que atuam nas instituições de ensino, não seria diferente. É cada vez

¹ Doutor em Modelagem Matemática e Computacional pelo CEFET-MG. Mestre em Modelagem Matemática e Computacional pelo CEFET-MG. Graduado em Ciência da Computação pelo Centro Universitário de Formiga – UNIFOR. Especialista em Melhoria do Processo de Software pela Universidade Federal de Lavras-MG (UFLA). Especialização em Produção de Software pela Universidade Federal de Lavras-MG (UFLA). Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Docente no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Docente do Programa de Pós-graduação em Modelagem Matemática e Computacional do CEFET-MG. Docente Colaborador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Colaborador em Projetos no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). E-mail: thiagomagela@cefetmg.br.

² Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Graduada em Biblioteconomia pelo Centro Universitário de Formiga (UNIFOR-MG). Especialista no Ensino de Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bibliotecária do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) Campus Divinópolis. E-mail: inespassos@cefetmg.br.

maior o consenso de que o trabalho colaborativo favorece o ensino e a aprendizagem, e conseqüentemente aos atores envolvidos nesse processo. Neste artigo o foco recai sobre a colaboração entre dois deles igualmente importantes: o docente e o bibliotecário.

A colaboração entre esses pares foi e tem sido pesquisada por autores como Fullan-Hargreaves (2001), Doll (2005), Howard (2010), Montiel-Overall (2005 – 2013) e Todd; Kuhlthau (1993 – 2005); Mokhtar e Majid (2006); Freire (2007); Ash-Argyle e Shoham (2012); Rodrigues (2010), Santos (2010), Kimmel (2012), Araújo (2012), Campello (2009-2016), Roldão (2007) dentre outros. Contudo, em Montiel-Overall é que se encontram os estudos que abordam a colaboração entre esses educadores com maior profundidade e amplitude. Suas pesquisas culminaram no estabelecimento dos parâmetros da Teoria da Colaboração entre Docentes e Bibliotecários (TLC) nos anos de 2005-2013. Durante esse período, ela estabeleceu as facetas referentes aos níveis que seriam os ideais para uma atuação conjunta e efetiva entre docentes e bibliotecários no âmbito das instituições de ensino nos Estados Unidos.

E antes mesmo de Montiel-Overall consolidar suas pesquisas sobre esta temática, o Manifesto *Internacional Federation of Library Associations and Institutions/United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization* (IFLA/UNESCO) já em 1999 apontava para o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários como sendo consideravelmente impactante no ensino e na aprendizagem dos discentes.

No entanto é muito desafiador para instituições de ensino, bibliotecas, docentes e bibliotecários implementarem práticas verdadeiramente colaborativas em suas rotinas. E um dos prováveis motivos para tal pode ser o desconhecimento do que seria necessariamente este tipo de atuação conjunta. Portanto, refletir sobre o tema da colaboração no contexto educacional é fundamental para que se possa consolidar a tão necessária cultura colaborativa.

Na literatura não são numerosas as pesquisas que abordam essa temática. Logo decidiu-se por efetivar esta revisão desejando-se contribuir para a minimização das lacunas existentes na construção do seu estado do conhecimento.

Sendo assim, a definição do tema do trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários para esta revisão fundamentou-se em sua relevância, pertinência e atualidade para os campos da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Pedagogia. E o procedimento metodológico escolhido para efetivar tal contribuição foi a realização de uma revisão de literatura sobre a temática abordada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este artigo configura-se como uma pesquisa exploratória cujo procedimento metodológico adotado foi a efetivação de uma revisão bibliográfica do tipo narrativo-descritivo apontando-se para a análise de pesquisas que abordam a colaboração entre docentes e bibliotecários, as quais trazem conceitos e posicionamentos a favor de seu fomento no âmbito educacional. As buscas se deram nos principais repositórios digitais de publicações em artigo e texto completo disponíveis nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dentre eles estão: Portal de Periódicos Capes, Google Acadêmico, Biblioteca Digital Scielo, Repositório da Rede de Bibliotecas de Portugal (RBE-MEC), Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), Bases de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Aberta de Portugal (UAB-PT) bem como da *Internacional Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) e da *American Librarian Association* (ALA). Buscou-se por estudos produzidos tanto em contexto nacional como internacional. Como termos/descriptores foram utilizados: “trabalho colaborativo docentes-bibliotecários”, “Montiel-Overall”, “teoria da colaboração entre docentes e bibliotecários”, “cultura colaborativa”, tanto em português como em inglês. Para a delimitação cronológica definiu-se que as buscas privilegiariam estudos contemplados entre os anos 2000 até 2020.

Reitera-se que estas não foram exaustivas, mas sim precisas, o que possibilitou a construção deste estudo que embora sucinto, traz um panorama geral acerca da colaboração entre docentes e bibliotecários, apresentando-se conceitos, características e parâmetros relevantes.

3 A COLABORAÇÃO

A explosão informacional e os avanços tecnológicos têm exigido dos educadores que atuem cada vez mais em conjunto para que o ensino possibilite aos discentes, aprendizagens mais diversificadas e significativas ao longo de sua formação pessoal e profissional. No rol destes educadores estão os docentes e os bibliotecários. Segundo Roldão (2007, p. 27):

o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários está fundamentado essencialmente como: um processo de trabalho articulado e pensando em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos em

colaboração. Implica conhecer estrategicamente a finalidade que orienta as tarefas e organizar adequadamente todos os dispositivos dentro do grupo que permitam: alcançar com mais sucesso o que se pretende; ativar o mais possível as potencialidades de todos os participantes; ampliar o conhecimento construído por cada um pela introdução de elementos resultantes da interação com todos os outros (Roldão, 2007, p. 27).

Contudo, sabe-se que a colaboração não é uma prática simples de se efetivar. Ela exige de docentes e bibliotecários que eles tenham objetivos em comum, partilhem suas percepções e entendimentos, que estabeleçam um ambiente de respeito e confiança mútuos, que tenham ciência dos valores agregados a ela e que justifiquem sua atuação colaborativa. Além disso, é essencial que eles se sintam seguros quanto à real validade de seus saberes e habilidades para que a parceria alcance êxito.

É preciso entender, entretanto, que não haverá colaboração se ela não for espontânea, convicta, consciente e reconhecida com igual importância por todos os envolvidos em seu processo.

O trabalho colaborativo não exige que todos atuem de maneira exatamente igual. Cada um vai interagir naquilo que sabe que pode contribuir efetivamente e para o qual se sente preparado. Esse trabalho demanda sim, que todos tenham espaço igual para participar das decisões. Na colaboração não podem existir interações demarcadas por disputas de poder. O controle e a responsabilidade têm que ser mútuos, recursos e benefícios devem ser partilhados (Araújo, 2012).

É enorme o potencial que a colaboração entre docentes e bibliotecários tem de trazer inovações pois em suas práticas se pode combinar o melhor de cada um desses pares. Com isso, conforme afirma Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012) os discentes passam a ter a oportunidade de experimentar recursos, opiniões e estilos mais diversificados o que virá a enriquecer suas aprendizagens.

As Diretrizes da IFLA/UNESCO (2006, p. 12) pontuando a real necessidade da atuação conjunta entre bibliotecários e docentes, definiram os objetivos para serem atingidos a partir de sua efetivação:

1. desenvolver, instruir e avaliar a aprendizagem dos alunos ao longo do curriculum;
2. desenvolver e avaliar as competências dos alunos em literacia da informação e em conhecimento da informação;
3. desenvolver planificações de atividades letivas;
4. preparar e conduzir programas de leitura e eventos culturais;
5. integrar tecnologias de informação ao curriculum; explicar aos pais a importância da biblioteca escolar (IFLA/UNESCO, 2006, p. 12).

Todavia, para se tornar uma cultura dentro do contexto das instituições, a prática colaborativa entre docentes e bibliotecários aponta que eles primeiramente rompam com o isolamento no qual atuam. Portanto, considerou-se pertinente demonstrar como esta cultura da colaboração estaria configurada segundo os entendimentos de alguns dos estudiosos da temática.

4 CULTURA COLABORATIVA

Fullan e Hargreaves (2001) *apud* Araújo (2012, p. 21) definem cultura como “a forma como fazemos as coisas e nos relacionamos no local de trabalho”. Para eles, nas culturas de colaboração acertos e erros são compartilhados, analisados para que todos possam dar suporte e auxílio e os insucessos possam ser revertidos e os sucessos, replicados.

Segundo Small (2002, p. 1) “para serem motivados a colaborar, todos os participantes devem primeiro ver algum valor pessoal na colaboração e acreditar que têm os conhecimentos e habilidades necessários para serem parceiros colaborativos bem-sucedidos”. Sem essas percepções não se estabelece uma cultura colaborativa. Tal afirmação encontra respaldo em Nias, Southwort e Yeomans (1989) *apud* Araújo (2012, p. 22):

as culturas de colaboração não se caracterizam pela organização formal, as reuniões ou os procedimentos. Também não são preparadas para projetos ou eventos específicos. Pelo contrário, consistem em qualidades, atitudes e comportamentos amplamente difundidos que caracterizam continuamente as relações entre o pessoal docente. Nestas relações, a ajuda, o apoio, a confiança e a abertura ocupam um lugar central. Subjaz-lhes um empenhamento na valorização dos indivíduos enquanto pessoas e dos grupos a que pertencem Nias, Southwort e Yeomans (1989) *apud* Araújo (2012, p. 22).

Nas instituições de ensino onde a colaboração é cultivada, acredita-se que os educadores tendam a trabalhar com firmeza, contando-se com o empenho, dedicação, responsabilidade e o sentimento de orgulho e pertença de todos e com isso as possibilidades de êxito sejam ampliadas consideravelmente.

Contudo, nesses ambientes também, segundo Fullan e Hargreaves (2001), *apud* Araújo (2012) podem ser identificados três tipos de colaboração aparente que são a balcanização, a colaboração confortável e a colegialidade, as quais não devem ser associadas à verdadeira cultura colaborativa integral.

O primeiro tipo é a balcanização que se dá quando os docentes e bibliotecários se associam em pequenos grupos diferentes que, podem vir até a competir entre si para reforçarem suas percepções sobre o ensino e a aprendizagem diante dos outros que não integram esses grupos. Essa prática pode levar ao esvaziamento da comunicação, à atitude de indiferença e até mesmo à decisão por seguir caminhos opostos estando todos dentro de uma mesma instituição.

O segundo é a colaboração confortável que também se dá de forma circunscrita a pequenos grupos, não indo além de certos conteúdos curriculares. Não se configura como um programa. Muitas vezes estabelece-se apenas a partir de rápidos contatos entre docentes e bibliotecários, do planejamento de uma atividade em conjunto sem, contudo, existir questionamento, reflexão ou crítica.

O terceiro é a colegialidade artificial que se dá quando a equipe gestora da instituição controla a colaboração indicando os procedimentos formais e burocráticos que docentes e bibliotecários devem seguir. Com essa artificialidade o verdadeiro trabalho colaborativo não acontece e o que se vê, muitas vezes, são atividades sem validade sendo propostas aos discentes. (Fullan; Hargreaves, 2001 *apud* Araújo, 2012). Logo se compreende o impacto que a orientação e a intervenção por parte da equipe gestora da instituição podem ter sobre as práticas colaborativas que nela existam ou venham a existir. Uma gestão apoiadora e facilitadora, que oportunize aos docentes e bibliotecários a atuação em conjunto pode favorecer a implementação dessa cultura de colaboração, que não impõe parcerias, e sim as promove.

Sendo assim, para se fomentar o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários nas instituições de ensino é preciso que se busque compreender de fato o que é a cultura colaborativa integral, o que ela demanda e o que pode oferecer, partindo-se do princípio de que se objetiva realmente implementá-la. Essa compreensão permitirá que se saiba diferenciar as concepções e práticas verdadeiramente colaborativas daquelas que apenas se assemelham a elas e que sendo assim não trarão os resultados desejados. Deve-se buscar conhecê-la cada vez mais para fomentá-la visando-se a sua continuidade. E uma das possibilidades de aderir a esta cultura é ter conhecimento das vantagens que cada um pode auferir destas práticas.

5 VANTAGENS DA COLABORAÇÃO

De acordo com Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012) a maior vantagem da colaboração entre docentes e bibliotecários reside na possibilidade que ela traz para os discentes de terem contato com recursos, opiniões e estilos de ensino e de comunicação diversificados, o que pode lhes proporcionar experiências enriquecedoras que certamente contribuirão para o aprimoramento de sua aprendizagem. Além disso, os discentes ao perceberem o empenho dos docentes e bibliotecários em trabalhar em conjunto para favorecê-los podem passar a valorizar essa atitude, agindo também colaborativamente de modo que todos possam ser beneficiados. A colaboração entre os docentes e bibliotecários favorece a criatividade, a diversidade e consequentemente a aprendizagem.

Para a autora “a colaboração tem um grande potencial na renovação dos processos de ensino aprendizagem, combinando os pontos fortes de vários indivíduos de modo a influenciar positivamente a aprendizagem dos alunos.” (Montiel-Overall, 2005 *apud* Araújo, 2012, p. 23). Contudo, para a eficácia da colaboração, é necessário também que docentes e bibliotecários, segundo Roldão (2007, p. 29), passem por um processo de construção individual, isto é, as “próprias tarefas de trabalho colaborativo devem incluir momentos de trabalho individual para preparar ou aprofundar o trabalho no coletivo no momento seguinte.” O êxito na coletividade passa pelo bom preparo na individualidade.

Além de Montiel-Overall (2005), Boavida e Ponte (2002) apontam outras vantagens não menos importantes de se trabalhar em conjunto. Segundo afirmam, a colaboração: serve para unir várias pessoas em torno de um projeto comum, ou seja, o fato de haver mais recursos humanos num grupo promove o sucesso daquilo que o grupo se propõe realizar. “O aparecimento de diferentes sinergias também abre caminho a uma reflexão e aprendizagem mútuas. E várias sensibilidades sobre a mesma realidade contribuem para uma interpretação mais abrangente e mais rica de uma mesma realidade” (Boavida; Ponte, 2002 *apud* Araújo, 2012, p. 24).

Assim, pode-se considerar válido o entendimento de que a colaboração entre docentes e bibliotecários possibilita práticas reflexivas que vão favorecer a aprendizagem, a investigação, a busca por soluções, a troca de saberes, a superação de conflitos, pois propicia a aquisição e construção de novas percepções, novos conhecimentos e de novas relações de todos consigo

mesmos e com os outros. A colaboração favorece o aumento do nível de comprometimento dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem com o projeto educativo da instituição.

Entretanto também há que se considerar igualmente pertinente ter consciência dos fatores que apontam para o impedimento do alcance do sucesso no trabalho colaborativo para que se possa saber como dirimir seus impactos ou até mesmo eliminá-los.

6 IMPEDIMENTOS À COLABORAÇÃO

Sabe-se, pela observância das práticas cotidianas, que o volume de ações conjuntas entre docentes e bibliotecários nas instituições de ensino está longe do que seria o ideal, mesmo diante dos benefícios apontados à colaboração. Acredita-se que muitos dos fatores que dificultam ou até mesmo impedem esse trabalho colaborativo de acontecer suplantem as benesses da colaboração pois estas demandam mais tempo para serem percebidas e muitas vezes, podem não trazer as vantagens esperadas ou retornarem as não desejadas.

Uma dessas barreiras que pode ser apontada é a formação que o docente e o bibliotecário receberam e ainda hoje recebem. Ela parece não contemplar este preparo com conteúdo referente à função educativa do bibliotecário e nem aos que dizem respeito à compreensão, por parte do docente, acerca do papel pedagógico que o bibliotecário tem e pode desempenhar. Docentes e bibliotecários, com isso, tendem a cumprir individualmente o que está determinado pelas normas e programas para suas funções, mesmo que isso deixe a aprendizagem dos discentes em segundo plano.

Sendo assim é imprescindível que essa barreira seja transposta pelas instituições de ensino que preparam docentes e bibliotecários para o exercício profissional. O aprimoramento na formação de ambos os profissionais contemplando-se abordagens sobre o trabalho colaborativo pode possibilitar a eles a consciência da importância do papel de cada um no ensino para que a aprendizagem dos discentes ocorra de maneira plena.

Segundo Araújo (2012) outras barreiras à colaboração também podem ser apontadas. Dentre elas estariam a excessiva carga de trabalho de ambos os profissionais, com horários que intensificam a falta de tempo; a atuação dos bibliotecários que privilegia a realização das atividades técnicas, ficando estes isolados na biblioteca, e a dos docentes que se isolam em sala de aula para ensinar os conteúdos previstos nos programas dentro dos prazos estabelecidos; as limitações das

percepções acerca da colaboração que muitas vezes são empecilhos para as decisões consensuais; o desconhecimento do bibliotecário quanto ao papel do docente e vice-versa; as reestruturações pouco adequadas dos currículos e projetos pedagógicos; a falta ou deficiência nas estruturas físicas dos ambientes de trabalho; a falta ou deficiência da liderança efetiva tanto entre docentes e bibliotecários quanto da gestão institucional que em suas políticas não incentiva a colaboração, e ainda privilegia a avaliação e a realização individuais destes educadores; a ausência da biblioteca e do profissional bibliotecário dentro da instituição de ensino.

Não é equivocado afirmar, portanto, que não se esgotam aqui os fatores dificultadores ou até mesmo impeditivos da consolidação da cultura colaborativa nas instituições de ensino, pois acredita-se que cada uma delas pode apontar muitas outras barreiras que seriam específicas de seu contexto.

Entretanto, por outro lado, faz-se necessário elencar os fatores, que opostamente aos descritos anteriormente, favorecem o alcance da cultura do trabalho colaborativo entre estes educadores.

7 FAVORECIMENTOS À COLABORAÇÃO

Contrariamente às barreiras à colaboração, muitos também são os fatores que podem ser considerados como facilitadores das práticas colaborativas. Shepherd (2004) afirma que aqueles que ele considera como os mais relevantes e que merecem maior atenção quanto a este favorecimento, ao se pesquisar sobre a colaboração, seriam os que estão relacionados às necessidades e benefícios, a visão, a missão e os objetivos, a atitude, a comunicação, os recursos humanos e financeiros, a liderança e o desenvolvimento da comunidade.

Em Araújo (2012, p. 25-26), encontram-se interpretações sobre as considerações que Shepherd (2004) trouxe sobre os fatores elencados por ele:

No que diz respeito às necessidades e benefícios, o autor refere que estes são de ordem econômica, informacional, educacional, cultural e social, mas que o que é mais importante é convencer todos os parceiros de todos estes benefícios. Portanto, se todos tiverem um bom conhecimento e um correto entendimento dos benefícios que podem retirar da colaboração esta ficará facilitada. Este autor também considera que as expectativas formam a visão coletiva da colaboração, pelo que se os parceiros tiverem expectativas, metas e objetivos comuns isso facilitará a colaboração porque gerará entusiasmo e vontade de resolver os problemas coletivamente. A atitude também é um fator importante. Os parceiros têm de sentir respeito mútuo e confiança e estarem dispostos a conhecer as características dos seus parceiros: as suas competências

técnicas, o seu estilo, a forma como se relacionam e se organizam, essa predisposição é fundamental para que a colaboração ocorra. Outro fator elencado é o da comunicação. A este respeito considera que os parceiros têm de ser chamados à discussão dos problemas desde o início e que, por isso, é necessário desenvolver vias, tanto formais como informais, para comunicar. Também é necessário que os parceiros se habituem a comemorar os seus sucessos e a divulgá-los na comunidade. A colaboração, como já percebemos, é complexa e também dispendiosa no início, por isso, o ideal é que exista um financiamento para os programas. Poderá ser necessário, por exemplo, que os recursos humanos façam formação para obterem novas competências. No que diz respeito à liderança, o autor defende que esta requer bom senso, uma presença credível e conhecimentos na gestão destes processos. Por último, e ainda para o mesmo autor, será necessário estabelecer novos métodos e modos de aproximação e de interação para desenvolver uma comunidade colaborativa, ou seja, há que considerar igualmente as culturas locais e as identidades específicas (Araújo, 2012, p. 25-26).

Portanto, compreende-se que a combinação entre esses fatores é que poderá realmente possibilitar a construção da cultura colaborativa integral dentro do contexto das instituições de ensino. E essa, uma vez implementada, contribuirá para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem, favorecendo assim docentes, bibliotecários e discentes, e a comunidade escolar como um todo.

E para direcionar a implementação desta cultura, muitos autores ao pesquisarem o trabalho colaborativo entre docentes e bibliotecários buscaram estabelecer parâmetros, que acreditam, possam orientar ou direcionar as práticas a serem desenvolvidas, apontando para modelos de colaboração que consideram ideais e concretizáveis para se trazer maior engajamento dos atores envolvidos e ampliar o sucesso no ensino e aprendizagem.

8 MODELOS DE COLABORAÇÃO

A colaboração entre docentes e bibliotecários é um tema do qual já se tinha notícia em estudos na literatura biblioteconômica, e em especial na dos Estados Unidos desde a década de 1940. “Mary Peacock Douglas, uma das pioneiras em biblioteconomia escolar naquele país, enfatizava, já naquela época, a necessidade de professores e trabalharem juntos” (Miller, 2003, p. 46 *apud* Pereira; Campello, 2016, p. 4).

Logo, entende-se por que a partir desta compreensão de que seria necessário que houvesse linhas de ação para atenderem a essa necessidade, muitos dos pesquisadores decidiram-se por estabelecer modelos de trabalho colaborativo que poderiam ser aplicados nas instituições de ensino como ferramentas a serem utilizadas por elas para favorecê-las em seus processos.

Dentre os modelos aqui descritos estão os propostos por Montiel-Overall, Loertscher, Muronaga e Harada, Zmuda e Doll. Estes modelos são instrumentos que podem fundamentar a identificação dos níveis do trabalho colaborativo nos quais as instituições se encontram, para que com base nos dados coletados, se possa implementar ações colaborativas em suas práticas pedagógicas, caso não ocorram ou ampliar o número das que já acontecem.

8.1 O TLC de Montiel-Overall e a taxonomia de Loertscher

Como foi apontado anteriormente as pesquisas de Montiel-Overall e o modelo de colaboração Teacher-Librarian Collaboration (TLC) proposto por ela, estão na base do desenvolvimento textual deste artigo, e, portanto, estão aqui enfatizados.

Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira; Campello (2016) deu visibilidade pública ao TLC em 2005 e a definição que ela dá à colaboração, foi e tem sido citada por estudiosos de diversas nacionalidades. Não se poderia, portanto, deixar de inseri-la neste texto:

colaboração é uma relação de trabalho baseada na confiança, entre dois ou mais participantes em igualdade de condição, envolvidos em ideias compartilhadas, planejamento compartilhado e criação compartilhada de atividades de aprendizagem integrada e inovadora. Por meio de visão e objetivos compartilhados, são criadas oportunidades de aprendizagem que integram os conteúdos curriculares e as atividades da biblioteca, por meio de co-planejamento, co-implementação e co-avaliação do progresso dos estudantes ao longo do processo de aprendizagem, a fim de melhorar a aprendizagem em todos os aspectos curriculares (Montiel-Overall, 2005 *apud* Pereira; Campello, 2016, p. 6).

No Quadro 1, a seguir, têm-se um panorama resumido das pesquisas que Montiel-Overall. Neste quadro apresentam-se as fases de seus respectivos estudos até o estabelecimento dos parâmetros sobre os quais construiu sua Teoria da Colaboração:

Quadro 1 – Cronologia dos estudos de Montiel-Overall no período de 2005-2013

Ano de Publicação/título	Participantes	Escolas/Nível	Instrumento de Coleta de dados	Análise de dados
2007 Pesquisa sobre colaboração entre professores e bibliotecários: um exame das estruturas subjacentes	64 professores 7 bibliotecários 6 diretores 1 vice-diretor. Todos escolhidos	7 escolas públicas que atendiam alunos do jardim de	2 Questionários, um baseado na taxonomia de Loertscher e outro no TLC, em escala	Análise factorial exploratória

dos modelos	propositalmente	infância ao nível médio	Likert de cinco pontos	
2008 Colaboração entre professor e bibliotecário: um estudo qualitativo	18 professores e bibliotecários	3 escolas públicas que atendiam alunos de 4 a 14 anos.	Entrevistas, observação de atividades de planejamento colaborativo, diário de campo	Análise qualitativa por categorias
2009 percepções do professor sobre a colaboração de professores e bibliotecários: desenvolvimento e validação de instrumentação	194 professores e 11 bibliotecários	11 escolas de ensino fundamental	Questionário TLC II com 16 afirmativas em escala Likert de quatro pontos	Análise factorial exploratória
2010 1ª fase Maior compreensão da colaboração: um estudo de caso com professores e bibliotecários	3 professores e 3 bibliotecários	3 escolas de ensino fundamental	Oficinas, observação, entrevistas antes e depois das oficinas e diários de participação	Análise qualitativa por categorias
2011 Colaboração de professores entre bibliotecários escolares: um relatório preliminar das percepções dos professores sobre frequência e importância para a aprendizagem dos alunos	Igual ao estudo de 2009	Igual ao estudo de 2009	Igual ao estudo de 2009	SAS 9.1.3 Estatística Descritiva
2012 O efeito do desenvolvimento profissional na colaboração de professores e bibliotecários: resultados preliminares utilizando um revisado, TCL III	30 professores e 6 bibliotecários	6 escolas de ensino fundamental que atendiam alunos de 8 a 10 anos.	Oficinas, questionários TLC III com 24 afirmativas em escala Likert de quatro pontos aplicado antes e depois das oficinas	Análise qualitativa por categorias
2013 2ª fase Professores e bibliotecários colaborando na instrução científica baseada em inquérito: um estudo longitudinal	18 professores e bibliotecários	6 escolas de ensino fundamental	Oficinas mensais, de quatro horas de duração, observações registradas em diário de campo, entrevistas, diários dos participantes	Análise qualitativa por categorias

Fonte: Pereira; Campello (2016, p. 13)

Para construir sua teoria sobre a colaboração, Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012) baseou-se nas pesquisas de Loertscher (2000) estudioso, que lhe antecedeu e que classificou a

colaboração em quatro taxonomias, cada uma relacionada a cada grupo de atores envolvidos no ensino aprendizagem, ou seja, docentes, discentes, bibliotecários e gestores. Esse teórico concebeu um plano de ação para as bibliotecas em instituições de ensino estruturado em três pilares:

a infraestrutura de informação; os serviços prestados a alunos e professores; os quatro elementos programáticos fundamentais numa biblioteca escolar. E é nestes quatro elementos programáticos que encontramos a colaboração, juntamente com a leitura, a literacia da informação e o reforço da aprendizagem através das tecnologias (Araújo, 2012, p. 7).

Em sua taxonomia, Loertscher (2000) *apud* Araújo (2012) organizou sua listagem de prováveis ações conjuntas entre docentes e bibliotecários. Ele as elencou partindo daquela, na qual não existe nenhum envolvimento entre esses pares, até chegar àquela em que ambos, atuam de maneira tão conjunta, que desenvolvem juntos, o currículo que será implementado na escola. Para Loertscher (2000) *apud* Araújo (2012) já era perceptível que quanto maior o nível de envolvimento, maior o nível de colaboração entre docentes e bibliotecários, maiores e melhores seriam os impactos dessas ações sobre o aprendizado dos discentes. No Quadro 2 a seguir tem-se acesso ao Programa das ações conjuntas entre professores e bibliotecários previstas na Taxonomia de Loertscher:

Quadro 2 - Taxonomia de Loertscher

Níveis Descrição	Níveis Descrição
Taxonomia do professor	Taxonomia do bibliotecário
1 O professor leciona de forma independente.	1 O bibliotecário não se envolve na lecionação de nenhuma unidade didática.
2 O professor leciona com recurso a fundos documentais privados.	2 O bibliotecário organiza e disponibiliza informação.
3 O professor leciona com recurso a fundos documentais requisitados em bibliotecas	3 O bibliotecário atende às solicitações de alunos e professores e apoia na utilização das novas tecnologias.
4 O professor recorre à biblioteca para recolher sugestões e obter novos materiais.	4 O bibliotecário responde às necessidades, aproveitando as ideias espontâneas dos professores, disponibilizando materiais.
5 O professor recorre à biblioteca para enriquecer/complementar uma unidade didática.	5 O bibliotecário planifica informalmente e de forma superficial com os professores.
6 O professor utiliza os recursos da biblioteca	6 O bibliotecário se reúne com os professores

como parte dos conteúdos de uma unidade didática.	para saber quais os materiais necessários ao desenvolvimento do projeto ou de uma unidade didática. 7 O bibliotecário faz um esforço para promover a biblioteca escolar e o seu programa.
7 O professor e o bibliotecário são parceiros no ensino: preparam, decidem, planejam, apresentam os conteúdos e avaliam em conjunto.	8 O bibliotecário implementa um plano de ação para a biblioteca tendo em conta o desenvolvimento da colaboração, leitura, literacia da informação e aprendizagem através da tecnologia. 9 O bibliotecário consegue que o programa da biblioteca atinja um nível de maturidade em todos os seus elementos programáticos.
8 Os professores e o bibliotecário desenvolvem, em conjunto, o currículo.	10 O bibliotecário planeja e organiza com os outros professores o que vai ser ensinado, participando ativamente no desenvolvimento do currículo.

Fonte: Sala; Militão (2017, p. 2253)

Já Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012) a partir das classificações de Loertscher (2000), organizou o TLC, propondo quatro modelos, os quais definem os níveis de colaboração entre docentes e bibliotecários, observados por ela, em suas pesquisas de campo, nas escolas americanas. Posteriormente, a denominação modelo foi substituída por facetas.

Também como Loertscher (2000), Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012) descreveu o trabalho colaborativo entre esses educadores, começando pela prática que exige o menor envolvimento entre eles até a que lhes demanda, a maior colaboração possível, que seria também para a pesquisadora, a construção do currículo integrado.

Portanto, os estudos de Montiel-Overall (2005) *apud* Araújo (2012) permitem identificar em que nível de colaboração está o trabalho entre docentes e bibliotecários, em uma instituição de ensino, para que se possa propor ações interventivas, com o objetivo de fomentar a ampliação gradual de seu nível, caso seja identificado que não é o ideal, considerando-se, que cada avanço já traz resultados bastante importantes, para o aprendizado dos discentes, que serão os grandes favorecidos nesse processo.

No Quadro 3 a seguir estão caracterizadas as quatro facetas propostas por Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira (2016, p. 30-32):

Quadro 3 - As facetas do TCL

Facetas		Caracterização
A	Coordenação	Existe um envolvimento mínimo entre professores e bibliotecários. Por exemplo: O professor, em sala de aula, trabalha literatura, e propõe aos alunos que leiam um determinado livro. Ele informa ao bibliotecário sobre essa demanda e o bibliotecário agenda, para os alunos o horário no qual poderão pegar os livros emprestados. A atividade é realizada com eficiência e sincronia, contudo nenhum dos dois educadores se comprometeu além disso.
B	Cooperação	Inicia-se uma pequena elevação do nível de interação entre professores e bibliotecários. Eles já dividem algumas tarefas, tendo os mesmos fins, não havendo, contudo, necessariamente, um planejamento em conjunto. Por exemplo: O professor informa ao bibliotecário que vai trabalhar um conteúdo de ciência, em um projeto e solicita ao bibliotecário que reúna todo o material que houver disponível na biblioteca, sobre o tema, para a realização da tarefa. O bibliotecário assim o faz e disponibiliza o material ao professor. Já se percebe uma maior intencionalidade na colaboração, mas também se sente a preponderância da atuação de um em relação a do outro, não há ainda compartilhamento de autoridade.
C	Instrução integrada	Já existe envolvimento de professores e bibliotecários no planejamento, criação e implementação de ações com clareza da intenção de ambos, no favorecimento dos alunos, quanto à aprendizagem do conteúdo a ser trabalhado e ao aprimoramento de suas habilidades informacionais. Por exemplo: O bibliotecário, atuando também como professor, orienta os alunos a localizarem as fontes de informações que contenham o conteúdo a ser estudado, os ensina a selecionar dentre elas, as que disponibilizam as informações demandadas para realizar a atividade proposta pelo professor e os auxilia a apresentar as respostas adequadas aos questionamentos que ele fez. Aqui o bibliotecário participou junto ao professor da idealização da tarefa proposta também.
D	Currículo Integrado	Seria o nível mais alto da colaboração, pois todos os conteúdos de ensino estariam atrelados totalmente às atividades da biblioteca. O Bibliotecário não interage apenas com um professor, mas com todos os professores da instituição e aqui a direção da escola também atua conjuntamente, fazendo uso de suas prerrogativas administrativas para favorecer a implementação das ações conjuntas. Por exemplo: A diretoria pode flexibilizar horários de trabalho para que o bibliotecário possa participar das reuniões pedagógicas junto aos professores. O Bibliotecário é reconhecido como educador de importância igual à do professor, sendo contado entre os membros das comissões para o desenvolvimento curricular da instituição. As atividades de favorecimento do letramento informacional dos alunos ganham a amplitude que demandam e não são compromisso apenas dos bibliotecários, mas o são também, dos professores e direção da escola.

Fonte: Montiel-Overall (2005) *apud* Pereira (2016, p. 30-32).

Paralelamente aos estudos de Montiel-Overall, e até mesmo aplicando os critérios do TLC, outros pesquisadores também problematizaram a temática. Dentre eles estão os portugueses:

- a) Freire (2007) que buscou compreender como docentes integravam a biblioteca em suas práticas de ensino;
- b) Santos (2010) que buscou avaliar o nível de colaboração de bibliotecários em suas práticas;

c) Rodrigues (2010) que buscou desenvolver e possibilitar oportunidades para docentes e bibliotecários participarem de ações que auxiliassem o aprimoramento de habilidades informacionais dos discentes.

Entre os israelistas estão Dotan e Aharony (2008) que avaliaram o nível de colaboração quanto a participação do bibliotecário nos projetos de ensino e o impacto desta participação no desenvolvimento informacional discente, e Ash-Argyle e Shoham (2012) que se dedicaram a estudar o preparo dos bibliotecários para o trabalho colaborativo e o seu envolvimento na vida pedagógica da escola.

8.2 Os níveis de colaboração de Muronaga e Harada, Zmuda e Doll

Além da Taxonomia de Loertscher e o TLC, fundamentam este artigo, outros três modelos que foram propostos por Muronaga e Harada (1999) e posteriormente por Doll (2005) e Zmuda (2006).

O modelo de Muronaga e Harada (1999) *apud* Araújo (2012) considera a existência de três níveis de envolvimento curricular nas ações conjuntas entre docentes e bibliotecários:

- a) no primeiro nível, as ações são independentes. Exemplificando, o bibliotecário treina o discente para saber utilizar um dicionário, mas o docente desenvolve atividades, nas quais não incentiva os discentes a utilizarem esse tipo de obra de referência em seus trabalhos, deixando assim de reforçar essa habilidade adquirida;
- b) no segundo, as ações conjuntas são acidentais, acontecem por coincidência. O bibliotecário trabalha uma habilidade informacional dos discentes, demandada para o entendimento de um determinado conteúdo, sem que tenha tido conhecimento de que esse conteúdo já teria sido apresentado pelo docente em sala de aula;
- c) para os dois autores, só o terceiro nível, o das ações intencionais, poderia ser considerado verdadeiramente como colaboração. Docentes e bibliotecários decidem trabalhar juntos, planejando, atuando e avaliando a efetivação de sua ação, para favorecerem os discentes, tanto na aquisição dos conhecimentos, quanto no aprimoramento de suas habilidades informacionais.

O modelo de Zmuda (2006) *apud* Araújo (2012) também divide a colaboração entre docentes e bibliotecários em três níveis:

- a) evento isolado, no qual, o contato do docente com o bibliotecário, se dá tão somente para ações básicas. Por exemplo: quando o docente quer solicitar apenas a permissão para realizar uma atividade no ambiente da biblioteca, sem contar com o auxílio do bibliotecário, para além disso;
- b) esforço coordenado, no qual, o docente já conta com o bibliotecário para sugerir-lhe ideias e informações sobre o que tem disponível na biblioteca, e que poderá atendê-lo, mas ainda não o convida, para juntos estabelecerem as metas a serem atingidas, e apenas, em algumas vezes, esse professor repassa ao bibliotecário, *feedbacks* sobre a atividade realizada;
- c) por último, parceria, no qual, o docente apresenta ao bibliotecário, um projeto e o convida a participar de todo o processo de efetivação dele, ou seja, os dois vão planejar juntos, além de orientar, também os discentes em conjunto, em todo o processo de busca e uso das informações e na aprendizagem dos conteúdos programáticos incluídos no currículo escolar.

Quanto a Doll (2005) *apud* Santos (2010) a taxonomia que ela apresenta aponta para 4 níveis, os quais seriam:

- a) o isolamento, no qual o bibliotecário se mantém na biblioteca, cuidando de sua organização, sem saber o que está acontecendo em sala de aula. Só deixa esta condição se lhe for solicitada alguma participação pelo professor;
- b) a cooperação, no qual, este bibliotecário reúne os materiais e conteúdo que a biblioteca teria disponíveis e que estariam de acordo com as aulas a serem lecionadas. Contudo, seu papel educativo ainda não é considerado como tal, ocorrendo raras situações nas quais ele tem a oportunidade de atuação de em conjunto com professores com articulação do currículo;
- c) a coordenação, no qual o bibliotecário procura se inteirar acerca do que será lecionado em sala de aula e quais dinâmicas serão aplicadas para tal. Com isso ele poderá regularmente selecionar os materiais a serem utilizados como recursos nas aulas;
- d) a colaboração, no qual o bibliotecário participa do planejamento das aulas e do currículo. Ele interage com professores nas reuniões para planejarem as atividades que acontecerão tanto na sala de aula como na biblioteca. Juntos eles avaliam os alunos. Bibliotecários e professores podem atuar juntos na sala de aula.

Sendo assim, considera-se que todos os modelos apresentados têm relevância e pertinência, devendo ser considerados como fundamentadores das pesquisas acerca da colaboração entre docentes e bibliotecários, mesmo que os entendimentos possam divergir ou apresentar abordagens ou até mesmo nomenclaturas diversificadas, porque o essencial é que se esteja sempre promovendo práticas que os apliquem, confrontem, complementem e/ou os atualizem com vistas a favorecer a ampliação do estado de conhecimento sobre a temática aqui abordada

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colaboração entre docentes e bibliotecários é uma relação de trabalho desejável e imprescindível para que o ensino e a aprendizagem sejam favorecidos plenamente. Esta prática precisa estar sempre em evolução para que os seus níveis mais avançados possam ser alcançados e com isso educadores e discentes possam vivenciar experiências ainda mais reflexivas e significativas que impactarão positivamente suas vidas pessoais e profissionais.

Para tal é igualmente importante que os aspectos que envolvam o trabalho colaborativo como as suas vantagens, impedimentos, favorecimentos e modelos sejam conhecidos, refletidos e melhorados, para conquistar o engajamento de docentes, bibliotecários, discentes e gestores para que se obtenha sucesso no fomento desta prática no âmbito das instituições educacionais.

Estes aspectos estão delineados nos fundamentos dos estudos de Montiel-Overall (2005-2013), base estruturante da Teoria da Colaboração entre Docentes e Bibliotecário (TLC) e de Loertscher, Muronaga e Harada, Zmuda e Doll nos quais se encontram modelos de colaboração que podem ser utilizados como instrumentos orientadores na fundamentação das práticas colaborativas entre ensino e biblioteca possibilitando que níveis ideais sejam alcançados.

Contudo, vale destacar que as pesquisas que abordam a temática não existem em números considerados os minimamente desejáveis e isso foi observado nas buscas efetuadas para a construção deste artigo. Pode-se afirmar que este é um fator dificultador de destaque para a consolidação da cultura colaborativa. Isso indica que a temática da colaboração entre docentes e bibliotecários ainda demanda a realização de um montante mais robusto de estudos para que ela possa se materializar em práticas colaborativas eficazes no contexto educacional assim como vem acontecendo no contexto empresarial no qual já se percebeu que ela é uma ferramenta incontestável para se obter sucesso.

É urgente refletir, pesquisar, estudar, promover práticas, publicar para se consolidar a colaboração na educação.

Concluindo, espera-se que este artigo possa atrair o interesse e a atenção do leitor em aprofundar-se e engajar-se nas pesquisas sobre a temática, vindo a ser também um divulgador delas, para que a cultura colaborativa possa, no tempo oportuno, fazer parte com leveza, sem imposições e sem rigidez de rotinas, do cotidiano das instituições de ensino.

Sugere-se a inclusão da temática da colaboração nos currículos das formações de docentes, pedagogos, gestores escolares e bibliotecários com a devida importância que merece.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Helena Cristina dos Santos de. *Biblioteca escolar e trabalho colaborativo*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012, p. 1-18. Disponível em: <https://rbe.mec.pt/np4/file/677/bibliotecarbe6.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

ARAÚJO, Helena Cristina dos Santos de. *Projetos de leitura e trabalho colaborativo: concepções e práticas de professores e professores bibliotecários*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012, 187 p. Disponível em: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2349/1/TMGIBE_HelenaAraujo.pdf. Acesso em: 14 jan. 2021.

BOAVIDA, Ana Maria; PONTE, João Pedro da. *Investigação colaborativa: potencialidades e problemas*. 2002. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4069/1/02-Boavida-Ponte%20\(GTI\).pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4069/1/02-Boavida-Ponte%20(GTI).pdf). Acesso em: 7 fev. 2021.

CASARIN, Helena de Castro S. *et al.* Colaboração entre bibliotecários e professores no contexto escolar. *Ensino em Re-vista*, v. 20, n. 2, p. 367-380, jul./dez, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23713>. Acesso em: 12 out. 2021.

DIRECTRIZES DA IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares. 2006. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

LOERTSCHER, D. *Taxonomies of the school library program*. Salt Lake City, UT: HiWillow Research & Publishing, 2000. Disponível em: <https://ils.unc.edu/daniel/242/Taxonomies.html>. Acesso em 17 fev. 2020.

MANIFESTO IFLA/UNESCO para biblioteca escolar, 1999. Disponível em:
<https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. Toward a theory of collaboration for teachers and librarians. *School Library Media Research*. 2005. Disponível em:
http://www.ala.org/aasl/sites/ala.org.aasl/files/content/aaslpubsandjournals/slr/vol8/SLMR_TheoryofCollaboration_V8.pdf. Acesso em: 17. fev. 2020.

PEREIRA, Gleice. *A colaboração no contexto da função educativa do bibliotecário*. 2016. 150 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE7FXB>. Acesso em: 2 jan. 2020.

PEREIRA, Gleice; CAMPELLO, Bernadete Santos. Compreendendo a colaboração entre bibliotecário e professor: a prática dos estudos de Patrícia Montiel-Overall e do Modelo TLC. *Brazilian Journal of Information Studies: research trends*. n. 10, fev. 2016, p. 4-13. Disponível em:
<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/5491>. Acesso em: 16. fev. 2020.

ROLDÃO, Maria do Céu. Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. In: Dossier: trabalho colaborativo dos professores. *Revista Noesis*, n. 71, 2007, p. 24-29. Disponível em: <https://issuu.com/therockim/docs/noesis71>. Acesso em: 7 fev. 2021.

SALA, Fabiana; MILITÃO, Sílvio César Nunes. *Biblioteca escolar e formação docente: o trabalho colaborativo entre bibliotecários e professores*. UNESP: Campus Presidente, 2017. p. 2247-2256. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24341_12045.pdf. Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, Maria Lucília Marques dos. *Bibliotecas escolares: que colaboração? O trabalho colaborativo entre o professor bibliotecário e os professores. Estudo de Caso*. 2010, 147 f. v. 1. Dissertação (Mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares). Departamento de Ciências da Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta, Lisboa, 2010. Disponível em:
<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1574/1/BEsColabora%C3%A7%C3%A3oLSantosVol.I.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

SHEPHERD, Murray. *Library collaboration: what make it work?* 2004. Disponível em:
<https://docs.lib.purdue.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1710&context=iatul>. Acesso em: 7 fev. 2021.

SMALL, Ruth V. *Developing a collaborative culture*. 2002. Disponível em:
http://projectenable.syr.edu/data/Developing_a_Collaborative_Culture1.pdf. Acesso em: 7 fev.
2021.

Collaboration between teachers and librarians: a literature review

Abstract: This article aims to present a literature review on the collaboration between teachers and librarians. It was defined as a methodological procedure to carry out a review study of the narrative-descriptive type that is based on bibliographical research on the theme addressed. In the present work, studies by Montiel-Overall (2005-2013) are emphasized, as this researcher established the parameters of the Theory of Collaboration between teachers and librarians (TLC). It was identified that research on the subject is limited, but that those that exist point to models that can be taken as a reference by educational institutions so that collaboration happens satisfactorily. It is concluded that the collaboration between professors and librarians is a desirable and essential working relationship for teaching and learning to be fully favored and that it has been constantly demanding that one reflect and promote actions that contemplate it so that it comes to be configure as culture in the educational field. It is urgent to reflect, research, study, publish, in short, to promote practices, in order to consolidate collaboration in education.

Keywords: collaboration theory; teachers; librarians; collaborative culture.

Autores

Thiago Magela Rodrigues Dias

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – Campus Divinópolis
Rua Alvares de Azevedo, 400 – Bela Vista, Divinópolis – Brasil – CEP 35503-822.
thiagomagela@cefetmg.br.

Maria Inês Passos Pereira Bueno

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – Campus Divinópolis
Rua Alvares de Azevedo, 400 – Bela Vista, Divinópolis – Brasil – CEP 35503-822.
inespassos@cefetmg.br.